

Redes sociais na Internet: possibilidades de constituir-se estudante e professor no contemporâneo

Internet social network: possibilities of forming student and teacher on contemporary times

Ana Paula Freitas Margarites¹

anamargarites@gmail.com

Rosária Ilgenfritz Sperotto²

ris1205@gmail.com

Resumo

Este artigo problematiza os processos de produção de subjetividade, engendrados em interações, em *sites* de redes sociais da Internet, entre um professor e estudantes dos cursos de Design Gráfico e Digital da Universidade Federal de Pelotas. Com inspiração cartográfica, busca-se discutir as relações com o tempo e o espaço, modos de compartilhamento e relações entre estudantes e professores nesse contexto.

Palavras-chave: Subjetividade, Redes Sociais na Internet, Cartografia.

Abstract

This article discusses the subjectivity production processes engendered in interactions, in social network sites, between a professor and a group of students from Graphic and Digital Design College at Federal University of Pelotas, state of Rio Grande do Sul, Brazil. From a cartographic view, the article discusses the new relationships with time and space, the ways of sharing, and the relationship between professor and students within this context.

Keywords: Subjectivity, Internet-based social networking, Cartography.

Introdução

Este artigo apresenta reflexões elaboradas a partir de uma pesquisa realizada no ano de 2010, que buscava acompanhar as interações, nas Redes Sociais da Internet, entre professor e alunos dos cursos de Bacharelado em Design Gráfico e Digital da Universidade Federal de Pelotas. O estudo problematiza os processos de produção de subjetividade, engendrados nas interações que ocorriam nos *blogs* das disciplinas, em perfis no Facebook e em interações no Twitter.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas e professora da Coordenadoria de Design do Instituto Federal Sul-Riograndense (campus Pelotas).

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora do departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Pelotas, atuando em várias licenciaturas e no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Ao privilegiar aqui a noção de produção de subjetividade, busca-se considerar a ideia de um sujeito que já não corresponde mais ao sujeito clássico, de razão e de vontade, fonte de suas representações e de seus atos. Para tanto, parte-se de algumas proposições teóricas de Michel Foucault (2006, 2006b), Felix Guattari (1992), Suely Rolnik (2007) e Gilles Deleuze (1992), considerando que as subjetividades não são dadas, mas produzidas em diversas instâncias e geridas por uma infinidade de máquinas, constituindo-se, incessantemente, de forma intercambiável, mutante e múltipla.

A partir de tais considerações, coloca-se a seguinte questão: que sujeitos são estes, alunos e professores, que se formam e se transformam nas interações através das redes sociais da Internet?

A (re)(in)definição do sujeito e da subjetividade

O entendimento da subjetividade como multiplicidade toma força a partir da segunda metade do século XIX, quando, nas diversas áreas das ciências humanas, alardeia-se “um sentimento crescente de desconforto e pressentimento a respeito da sorte do sujeito” (SANTAELLA, 2004, p.45). Autores como Marx, Freud e Nietzsche passam a contestar o então corrente entendimento do sujeito e da subjetividade. Cresce a preocupação em torno da “morte do eu” ou de uma “crise da subjetividade”, e passa-se então a criticar e rejeitar o entendimento de um sujeito que é universal, unificado, autônomo, racional e individualizado.

Para SILVA (2000), uma das grandes “vítimas” da crise da subjetividade é a noção de sujeito emancipado, pretendida por uma parte significativa das teorias pedagógicas, principalmente a dita pedagogia crítica:

O pressuposto diz que existe algo como um núcleo essencial de subjetividade, que pode ser pedagogicamente manipulado, para fazer surgir o seu avatar crítico na figura do sujeito que vê a si próprio e à sociedade, de forma inquestionavelmente transparente, adquirindo, no processo, a capacidade de contribuir para transformá-la. O sujeito crítico da pedagogia crítica é a réplica perfeita do sociólogo crítico da educação que, de sua posição soberana — livre dos constrangimentos que produzem a turvada compreensão da sociedade que têm os indivíduos comuns —, vê a sociedade como se vê um mecanismo de relógio, tornando-se apto, assim, a consertá-la. (SILVA, 2000, p.13)

Problematizar a subjetividade sob esse ângulo é levar em conta seu caráter processual, parcial, precário e pré-pessoal. Não existe uma subjetividade que funcione como recipiente, no qual seriam depositados elementos exteriores a serem interiorizados. Ao entender a subjetividade como um fluxo contínuo de modos de existir, fabricado no entrecruzamento de instâncias sociais, técnicas, institucionais e individuais (GUATTARI, 1992), radicaliza-se o entendimento das possibilidades de constituição de modos de ser. Assim, é possível considerar que todos os sujeitos e coletivos humanos, todas as tecnologias, instituições e produtos culturais produzem subjetividades. Não mais o sujeito como dado *a priori*, mas um concerto polifônico de vozes e mutações afetivas (GUATTARI; ROLNIK, 2010), não passível de totalização ou centralização no indivíduo. Entende-se, então, que a subjetividade hoje se produz diferentemente do que se produziu, por exemplo, no começo do século XX.

Independente do ceticismo ou franco entusiasmo com o qual se observe a presença massiva da informática e das redes de comunicação na contemporaneidade, é inegável o impacto que a influência dessas tecnologias tem sobre os atuais processos de subjetividade. Para GUATTARI (1999), não se pode deixar de considerar a “influência invasiva da assistência por computador” (p.177), que não deve ser demonizada, uma vez que tais máquinas não passam de formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas de certos aspectos da própria subjetividade humana. Nesse contexto, os *sites* de redes sociais na Internet emergem enquanto uma significativa central de distribuição de sentidos e valores (ROLNIK, 2006), isto é, em um grande sistema de referência para a composição de um território existencial para os sujeitos na contemporaneidade.

Consolidação da noção de rede

Como um novo sistema de referência produtor de subjetividades, surge a noção de “rede”. De acordo com MUSSO (2010), tal noção se tornou onipresente, ou mesmo onipotente, em todas as disciplinas, tornando-se a metáfora escolhida para descrever uma série de diferentes estruturas:

(...) ela define modos de relações (redes sociais, de poder...) ou modos de organização (empresa-rede, por exemplo); na física, ela se identifica com a análise dos cristais e dos sistemas desordenados; em matemática, informática e inteligência artificial, ela define modelos de conexão; nas tecnologias, a rede é a estrutura elementar das telecomunicações, dos transportes ou da energia; em economia, ela permite pensar novas relações entre atores na escala internacional ou elaborar modelos teóricos; a biologia é apreciadora dessa noção de rede que, tradicionalmente, se identifica com a análise do corpo humano (redes sanguíneas, nervosas, imunológicas...). MUSSO, 2010, p.17)

Entre tantas noções originadas da consolidação da “rede”, a ideia de rede social na Internet é provavelmente uma das mais significativas. A visibilidade de tais redes se dá através dos *sites* de redes sociais (SRS), projetados (ou utilizados dessa forma pelos usuários) com a finalidade de facilitar a visualização e manutenção de conexões sociais. A rede “é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social” (RECUERO, 2009, p.311).

Conforme RECUERO (2009), os sites de redes sociais “não são exatamente um elemento novo, mas uma consequência da apropriação das ferramentas de comunicação mediada pelo computador pelos atores sociais (p.102). Dessa forma, *sites* populares de redes sociais, como o Orkut e o Facebook, não são os únicos exemplos de *sites* dessa espécie. Um SRS será qualquer um utilizado para a “expressão de redes sociais na Internet” (RECUERO, 2009, p.102), com ênfase na questão da expressão: para a autora, os SRS são apenas sistemas, e não a rede social propriamente dita. Em busca de uma delimitação das características de tais *sites*, a autora referencia-se em BOYD & ELLISON (2007), que estabelecem como pressupostos dos SRS:

- 1 – São *sites* que permitem a construção de um perfil público ou parcialmente público;
- 2 – Possibilitam a interação com outros usuários com os quais se está conectado;
- 3 – Permitem a visualização da lista de contatos de um usuário.

Os três *sites* de redes sociais que constituem os “espaços” de captura de dados nesta pesquisa são:

1. **Facebook**, um SRS propriamente dito, ou seja, que foi projetado com a finalidade de possibilitar a criação de um perfil público e a interação entre tais perfis, através de mensagens privadas, postagens públicas (que podem incluir fotos e *links*) e comentários em tais postagens;
2. **Twitter**, uma plataforma de *microblogging*³, na qual as atualizações de *status* são exibidas na página do usuário, em tempo real, e também são enviadas a outros usuários - chamados “seguidores” - que tenham assinado para recebê-las. Ao contrário do Facebook e outros SRS propriamente ditos, o Twitter não exige reciprocidade nos laços entre os usuários – ou seja: um usuário pode seguir outro que não o segue de volta;
3. **Tumblr**, uma plataforma para criação e manutenção de *blogs*, que permite aos usuários publicarem textos, imagens ou *links*. A estrutura geral do site se parece com a do Twitter; os usuários podem “seguir” outros e ver suas publicações em seu *dashboard*, e os laços não necessariamente precisam ser recíprocos.

Percurso metodológico: a paisagem cartografada

A intenção que moveu esta pesquisa foi a de acompanhar os processos de produção de subjetividade enquanto são desenhados; descrevê-los, no sentido de expor como se dá a sua constituição, procurando entender quem são esses estudantes e professores, que se formam e se transformam cotidianamente, também através da sua presença nessas redes. Para tanto, os procedimentos de coleta de dados e o modo de olhar para esses dados têm inspiração na Cartografia (DELEUZE e GUATTARI, 1995a).

Segundo Kastrup (2007), o método cartográfico “visa a acompanhar um processo e não a representar um objeto”(p.2). A cartografia, então, é uma espécie de tentativa de se criar um mapa em movimento dos processos de constituição de subjetividade. Para Rolnik (2006), o cartógrafo é alguém com um tipo de sensibilidade que permite perceber as coexistências entre macro e micropolíticas, complementares e indissociáveis na produção da realidade

³ Uma plataforma de *microblog* é semelhante a uma plataforma de *blog*, porém o tamanho das postagens obedece a um limite de tamanho imposto pela ferramenta - no Twitter, cada atualização de *status* pode ter até 140 caracteres.

social. Sempre que possível, o cartógrafo-pesquisador deve estar atento às surpresas e aos descaminhos, pois é do inesperado que podem emergir as questões instigantes, as singularidades mais desafiadoras. No mesmo sentido, Rolnik diz que o trabalho do cartógrafo é o de “dar língua para afetos que pedem passagem”(2006, p.66), sendo que, para isso, “o cartógrafo deixa seu corpo vibrar em todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a existencialização”.

Dessa forma, a coleta de dados para esta pesquisa se deu em várias “frentes”. Chamamos de “frente”, porque nenhuma delas foi uma etapa estanque, fechada em si, que tenha substituído a “etapa” anterior, tão logo essa tenha sido considerada encerrada. Antes, esse processo se constituiu assistematicamente, a partir de questões que foram surgindo e provocando inquietações ao longo do processo. Tais frentes são as que se seguem:

1. **Preâmbulo:** Foram aplicados questionários estruturados, a fim de mapear os usos de diferentes SRS, pelos estudantes e professores dos cursos nos quais se pretendia prosseguir com a investigação. O objetivo, ao aplicar esses questionários, não era comparar professores e alunos no que tange ao uso da Internet. Tampouco interessou esquadrihar, estatisticamente, quantos têm acesso e o que fazem na rede. A intenção, aqui, era tão somente vislumbrar como a Internet ia sendo usada então; começar a desenhar um mapa. Tal questionário nos permitiu perceber, por exemplo, que todos, alunos e professores, tinham por hábito acessar a Internet diariamente, em muitos casos, mais de uma vez por dia. As redes sociais tinham ampla penetração junto aos alunos, sendo utilizadas cotidianamente por cerca de 75% dos estudantes. Entre os professores, chamou atenção a grande quantidade de *blogs* (grande parte especializados na área de conhecimento do curso), acessados regularmente: os seis professores que responderam à pesquisa citaram, juntos, mais de 30 *blogs* que costumam ler.
2. **Delineamento dos sujeitos da pesquisa - professor, estudantes, blogs, redes:** No momento seguinte, procurou-se identificar, entre os professores que responderam ao questionário, qual deles teria interesse

em ser sujeito da pesquisa. A intenção era de encontrar um professor que já fosse bastante familiarizado com tais ferramentas e que até mesmo já utilizasse algumas tecnologias na sua prática docente. O professor “escolhido” respondeu positivamente ao nosso convite, e, a partir daí, iniciou-se um trabalho conjunto de “desenho de estratégias”. O professor teve acesso aos primeiros dados da pesquisa e resolveu experimentar estender seu contato com os alunos ao Facebook, Twitter e Tumblr. No semestre que iniciava, portanto, o professor adicionou seus estudantes como amigos no Facebook, passou a segui-los no Twitter (e os estudantes passaram a segui-lo de volta) e criou três blogs diferentes – um para cada uma das disciplinas lecionadas por ele – utilizando a plataforma Tumblr. É importante salientar aqui que, assim que a pesquisa teve início, os alunos foram convidados a participar, e todos, professor e estudantes, responderam positivamente ao convite.

3. **Mapeando na Rede - expedição cartográfica, frente um:** Esta frente da pesquisa consistiu na observação das manifestações do professor e seus alunos nas redes. Tal observação foi feita de modo a tentar “cobrir o visível” (ROLNIK, 2006, p.60), procurando desenhar a paisagem que se reconstruía a todo instante. Como “estratégias de arquivamento” dessas manifestações, as pesquisadoras passaram a “seguir” os três *blogs* criados no Tumblr, procurando observar como eles eram utilizados. Foram registrados os processos, as movimentações, atentando sempre para as resistências e fugas ali presentes. No Twitter, procuramos acompanhar o uso que o professor fez da ferramenta, arquivando não só suas conversas com seus alunos, mas quaisquer outras manifestações nas quais fosse possível vislumbrar os processos de produção de subjetividade naquele contexto. Para melhor acompanhar as conversas do professor com seus estudantes, passamos a segui-los também. No Facebook, localizamos os estudantes e os adicionamos como amigos. A participação dos estudantes no Facebook era pouquíssimo intensa, tanto em número de usuários, quanto em volume de publicações na rede. Houve um crescimento pequeno no

segundo semestre de 2010, período em que foram obtidos os dados aqui registrados.

4. **Conversando na rede: expedição cartográfica, frente dois:** Com o fim da coleta dos dados na rede, já no ano de 2011, partiu-se para uma sessão de conversas com os estudantes. Foram enviadas por e-mail, para os mesmos estudantes acompanhados ao longo de 2010, uma série de questões complementares. Tais questões estavam organizadas em uma espécie de entrevista semiestruturada, que, mais tarde, foi complementada por conversas no Google Talk⁴.

A partir dos achados percebidos nas frentes da pesquisa, destacaram-se alguns elementos que servem como referência para uma cartografia a ser desenhada, na intenção de vislumbrar como se dá a produção de “subjetividade em rede” desse professor e seus estudantes. No caso específico do *corpus* desta investigação, nas manifestações dos atores nos *sites* de redes sociais, despontam: outras relações com o espaço e o tempo, diferentes modos de compartilhamento e também outras relações entre estudante e professor. Alguns “achados” no campo de pesquisa são apresentados a seguir.

Outras relações com o espaço e o tempo

Nas situações observadas nesta pesquisa, percebe-se que a percepção de tempo e espaço por parte dos sujeitos investigados é totalmente marcada pelo hábito de “estar em rede”. Em relação ao espaço, percebe-se que, ao mesmo tempo em que há a diminuição da importância das distâncias geográficas – no sentido de que é possível a esses sujeitos, através das redes, entrarem em contato com lugares e realidades absolutamente diferentes daqueles à qual estariam expostos sem a Internet –, também há uma necessidade de “se localizar” espacialmente. Em seus perfis no Facebook, os estudantes identificam sua cidade natal e a cidade onde estão e se referem à própria Internet como um espaço que frequentam: “Estou na Internet”, “Entre no Twitter”, “Fiquei na Internet até tarde” são algumas das expressões recorrentes nas manifestações.

⁴ Google Talk é um serviço de mensagens instantâneas, semelhante ao MSN, mas operado pelo Google.

O acesso ao professor, antes restrito ao espaço da universidade, passa então a ser disponibilizado virtualmente, a partir de qualquer lugar e a qualquer tempo, como no seguinte diálogo através do Twitter⁵:

@estudante1 para **@professora**: professora *on-line*, me dá uma luz? existe branco na pantone solid coated? :s

@professora para **@estudante1**: peraí. explica o que tu tá querendo, meu caro. e-mail me.

Neste caso específico, é interessante observar como a professora considera insuficiente o espaço garantido pelo Twitter para conversações. A limitação de 140 caracteres não serve para que fique claro o que o aluno deseja, assim, o professor sugere a ele que “estenda” a conversa a outro suporte – o *e-mail* – no qual a conversa pode ser mais profícua. Em outras ocasiões, a professora tentará resistir às abordagens dos estudantes, que esperam que sejam virtualizados muitos aspectos da comunicação com o professor:

@estudante2: já tem as notas?

@professora para **@estudante2**: já. mas quero falar com “ustedes” pessoalmente, como fiz com a turma de hoje. guentem as pontas até terça. :)

Esta atitude, por parte da professora, é também uma ação de resistência à dissolução entre tempo de vida e tempo de trabalho, típica da sociedade de controle (DELEUZE, 1992). Ela procura estabelecer um limite de “o quanto disponível” ela estará neste tempo, que não é o da sala de aula. No entanto, em muitas ocasiões, ela própria “prestará contas” do seu uso do tempo:

@professora lendo, finalmente, os artigos do CIC da gurizadinha. logo, logo dou retorno!

@professora Pouca Vogal e muuuuuuitos infográficos.

@professora sweet playlist no stereomod e mais correções pra terminar o feriadão.

Tais questões têm relação direta com uma determinada subjetividade docente, propagada nos discursos da mídia educativa (PARAÍSO, 2006), que tende a exigir do professor uma dedicação incansável, uma entrega inabalável à profissão e ao outro. Ao se estender o tempo e o espaço da sala de aula, através dos sites de redes sociais, também se institui outro ritmo de trabalho a quem se atreve a explorá-las:

⁵ As postagens feitas por estudantes e professor constam aqui exatamente como foram feitas na Internet.

@professora atenção alunos de D.I.: estou fechando as médias. em breve notas discriminadas no e-mail. dúvidas, e-mail me. #designdainformação
@estudante para **@estudante2** e **@professora**: professora e seus anexos invisíveis! OPKAOPA que moderno
@professora para **@estudante** e **@estudante2**: deem um desconto pra teacher cansada... hehehe já tá lá :)

Muitos estudantes consideram “prático” e “eficiente” tirar dúvidas com os professores e colegas pela Internet, como afirma o estudante3, em resposta à nossa indagação sobre sua opinião quanto às conversas com professores em tais circunstâncias:

Costumo fazer trabalhos de grupo (90 % da execução) via MSN, pois trabalho e, geralmente, faço dupla com uma colega mais atarefada do que eu. E garanto que funciona, porque tiramos sempre notas acima da média. Com os professores, acho ótimo a comunicação via e-mail, porque é uma maneira de obter e trocar informações, sem ter de me deslocar até a faculdade. (**estudante3**, por *e-mail*)

Outros estudantes manifestam preocupação com o tempo do outro:

Com os professores, além de tu te aproximar, tu tens um contato direto que pode te auxiliar na hora das dúvidas que podem surgir (no design principalmente) durante a execução do projeto. É bacana, se bem usado e não de uma maneira que se torne invasiva demais. (**estudante6**, por *e-mail*)

Questionamos o estudante6, sobre o que ele queria dizer com “maneira invasiva demais”:

Acho que talvez prejudique um pouco o professor, pq ele acaba não tendo folga nunca. Cada aluno tem um ritmo, um horário de trabalho, e acabamos nos esquecendo que o professor tem uma vida fora “da aula”. E o professor que curte mesmo ajudar e ensinar tem que se cuidar pra não virar um escravo das dúvidas *on-line*. (**estudante6**, por *e-mail*)

O caráter instantâneo das informações e conversações que circulam pelo Twitter instaura outra concepção de movimento através do tempo; pode-se dizer que assim institui-se, necessariamente, outra possibilidade para se operar com o conceito de espaço e de velocidade. Ou seja, através da “hiperconcentração do tempo real” (VIRILIO, 2000), há a imposição de agir à “velocidade da luz”, como fica inscrito no seguinte *tweet* da professora:

@professora e foi-se 2010/2. ou quase: correção de infográficos começando em 3, 2, 1...

Outros modos de compartilhamento

As comunidades virtuais, entendidas como “agregados sociais que surgem na rede, quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente”, (RHEINGOLD, 1996, p.22), funcionam como “filtros vivos” e inteligentes para o conteúdo disponível na rede. Assim, se consolida a ideia de uma inteligência coletiva (LÉVY, 2007), pronta a resolver problemas em grupo.

A dinâmica dos *blogs*, criados pelo professor sujeito desta pesquisa, aproxima-os de uma organização de comunidade virtual. Nesses espaços, os estudantes e a professora compartilham uma série de “conteúdos” – *links*, vídeos, imagens, textos de interesse dos colegas, atuando como um filtro coletivamente produzido.

A professora inicia o uso do *blog*, solicitando aos estudantes que publiquem lá materiais referentes ao conteúdo específico das aulas que vão acontecendo. Em um determinado momento, por exemplo, os estudantes de uma disciplina são convidados a postar no Tumblr imagens referentes aos princípios fundamentais do *design* (contraste, alinhamento, proximidade e repetição). Os alunos usam a ferramenta de palavras-chave do Tumblr para identificar a autoria de cada uma das postagens. Assim, o primeiro uso para o Tumblr é guiado pela professora, e a ferramenta se transforma em um histórico, um diário do que vem sendo discutido em sala de aula.

Em segundo lugar, no material compartilhado nos Tumblrs das turmas, destacam-se as “continuações de conversas”: alunos e professor usam tal espaço como uma “nota à margem” da aula, compartilhando referências que se relacionam com o que foi discutido em sala de aula. Tal uso é “menos institucionalizado” que o primeiro, uma vez que os estudantes compartilham sem a solicitação da professora.

Muitos livros infantis inteiros!
Váriooooos livros infantis de todo mundo e de todos os tempos!
(Postado em (omitido) por estudante1)

Além das postagens diretamente relacionadas ao conteúdo da disciplina, aparecem outros compartilhamentos. Assim, surgem convites para festas do curso, chamadas para assembleias estudantis e *links* de referências relacionadas às outras disciplinas do curso, como nas publicações a seguir:

<http://www.isabelarodrigues.org/allillust.html>

Artista que eu trouxe para aula de TREG, por favor comunidade, todo mundo colocando o link de quem trouxe! essa menina é formada pelo cefet em desenho industrial, e agora trabalha na santa motion em porto.

beijocas!

(Postado em (omitido) por estudante2)

pra quem gosta de cinema :)

<http://www.ideafixa.com/hitchcock-minimalista/>

beijo comunidade!

(Postado em (omitido) por estudante2)

INVENTÁRIO DO IR-REMEDIÁVEL

Colégas!

Agora numa pausa dos estudos para fumar um cigarro... me vieram a mente algumas sábias palavras do Caio Fernando Abreu, que ao meu ver, se encaixam perfeitamente no nosso momento vésperadeprovaperigosa! Fica então a dica - ou apenas a título de curiosidade! E só mais uma coisa, Caio também nos ensina: “os dragões não conhecem o paraíso“... ;) ‘É preciso estar distraído e não esperando absolutamente nada. Não há nada a ser esperado. Nem desesperado.’ E tem o seguinte, meus senhores: não vamos enlouquecer, nem nos matar, nem desistir. Pelo contrario: vamos ficar ótimos e incomodar bastante ainda.’

(Postado em (omitido) por estudante5)

Os compartilhamentos acima mostram algumas das diferentes possibilidades, através das quais os estudantes relacionam-se com seu campo de estudo. No caso dessas postagens específicas, percebe-se pouca preocupação com os limites entre disciplinas que são “vizinhas” ao *design*: no mesmo espaço, aparecem referências à ilustração, ao cinema, à fotografia etc. A última postagem, uma espécie de “chamada às armas” para os colegas que estão às vésperas de enfrentar um exame difícil, demonstra como os estudantes apropriam-se do espaço possibilitado pelo *site* e, daí em diante, inventam para a ferramenta os usos que acharem positivos.

Essa variedade de referências nos *blogs* das turmas acaba por dividir as opiniões dos próprios estudantes:

Eu diria que (o uso do tumblr) não deu certo, isso foi no 5º semestre da faculdade, e só foi usado nesse período, além do mais, todos postavam “a la loca”, às vezes coisas que não tinham nada a ver, e as informações realmente relevantes ficavam perdidas e esquecidas, e também pq o Tumblr não dava a possibilidade de comentar nenhum *post*, o que perde muito na troca de informações. (estudante9, por *e-mail*)

Na turma de Projeto Gráfico deu muito certo, o que era pra ser de Projeto acabou extrapolando para qualquer coisa que alguém julgasse interessante para a turma! Virou uma super fonte de pesquisa, e registro. Já na turma de Design da informação a turma não encarou da mesma forma, e o tumblr acabou sendo usado somente para o que estávamos vendo em aula. Mas isso não diminuiu a capacidade de auxiliar, óbvio. Mas não era tão legal :) (estudante6, por e-mail)

Tal diversidade de percepções quanto ao uso da ferramenta demonstra a quantos usos ela “se presta”: para alguns estudantes, a formação do *designer* não é estanque e esquadrinhada em diferentes áreas de conhecimento, mas opera como uma rede, um rizoma em que todos os pontos podem levar a outros pontos. Assim, alguns se sentem à vontade para apropriar-se e compartilhar todo tipo de “matéria”, com inúmeras possibilidades de hibridações e conexões, sempre prontos a devorar o que lhes parece um novo elemento possível para a composição de seus modos de vida. Em outros casos, manifesta-se a preferência justamente pelo esquadrinhamento e pela disciplina.

No Facebook, aparecem compartilhamentos de naturezas totalmente diversas. Muitos estudantes o utilizam para mostrar seus trabalhos - seus cartazes, ilustrações e outras peças gráficas, muitas vezes em processo de desenvolvimento. Em alguns casos, os colegas do estudante são “marcados” na imagem, como se essa fosse uma foto em que aparecem, e são convidados pelo autor a dar sua opinião sobre um projeto inacabado. A ferramenta de marcação em uma imagem no Facebook é amplamente utilizada de maneiras muito diversificadas. Muitos anúncios e convites são feitos dessa maneira; convites para festas, eventos acadêmicos ou de outra natureza, exposições são feitos diretamente a um grupo específico de pessoas, marcados em um cartaz do evento ou imagem equivalente.

Outras relações entre estudantes e professor

Em que grau se modificam essas relações entre estudantes e professores? Certamente, o derretimento das instituições na contemporaneidade, apontado por BAUMAN (2001), não deu conta de

dissolver a totalidade das “coisas sólidas”, como fica claro em comentário de um estudante:

Apesar de termos uma relação também pessoal, essa relação entre alunos e professores, parece mais profissional. E numa rede social, você posta do conteúdo mais relevante ao mais “besta” e o seu professor está ali vendo, parece estranho. (estudante12, por *e-mail*)

As liberdades garantidas de um lado entram em conflito com outras questões importantes: ainda que nas redes, a comunicação pareça fluir de forma horizontal, as relações de poder (Foucault, 1979) se manifestam através do “resguardo” dos sujeitos com relação a certos tipos de comentários:

@estudante4 O problema de seguir professor no twitter é que tu não pode xingar muito! Um abraço pro #outroprofessor pelos notões!

@estudante6 para **@estudante4** ao fim de tudo, eu to achando o *outro professor* muito gente fina...

@estudante6 que legal né gente, gastar todo nosso dinheiro do mês na graphos imprimindo jornal. WHAAAAAAAAA-AAT fica aí a crítica não velada

@professora para **@estudante6** hahahahahaah! pode xin-gar. eu finjo que não li. ocá? ;)

@estudante6 quero ser engraçadinha e dizer que o twitter está quieto porque o MSN está em chamadas

Em outras ocasiões, as trocas de mensagens levam professor e aluno a redesenharem suas falas e práticas:

@estudante3 acabei de vir da aula, não teve nada, que droga, tempo perdidooo!

@professora para **@estudante3** perdido por que vocês não aproveitaram o tempo disponível para projetar, meu caro... ;)

@estudante4 para **@professora** sim, eu sei, mas o meu grupo tava fazendo outra coisa, eu até mexi no layout mas não te mostrei, hehe

Frequentemente a professora usará o Twitter, então, para transmitir recados quanto aos cronogramas das disciplinas que ministra:

@professora atenção turma de DE: aulas de amanhã para ORIENTAÇÃO DA REVISTA. não cheguem de mãos abanando, hein?? entregarei as notas, as well. #projetodois.

Parece que ocorre, no contexto da educação, uma certa dissonância nos processos de internalização e incorporação das possibilidades oferecidas pelos *sites* de redes sociais na Internet. Permanecem as dúvidas acerca de quais são as liberdades garantidas e também quais usos seriam “corretos”. Para parte dos estudantes, os *sites* de redes sociais são vistos como espaços reservados

do entretenimento, ainda que eles próprios expandam esses usos e acabem por questionar esse entedimento de “entretenimento” na sua existência: “Utilizo para comunicação (MSN, orkut), lazer (assisto filmes, ouço músicas) e informação” (estudante 10, por e-mail).

Assim, tem-se um sistema instável e diverso, pelo qual os trânsitos e as potências se dão de formas muito heterogêneas. Essa heterogeneidade, aqui, é vista como possibilidade de produção: são justamente as tentativas de resistência às subjetivações dominantes que produzem novas possibilidades de vida.

Reflexões Finais

O que se percebeu, no decorrer deste estudo, é que os *sites* de redes sociais podem proporcionar um espaço muito rico de produção de subjetividades, possibilitando o aparecimento de outros modos de “formar-se” enquanto sujeito, professor, aluno, profissional. As redes abrem espaço para novas formas de colaboração e compartilhamento, e, ao mesmo tempo o “estar em rede” imprime outro ritmo às vidas dos que se conectam, dissolvendo as relações geográficas e temporais que estabelecemos até então.

No meio de tantas modificações, estudantes e professores se veem, ao mesmo tempo, maravilhados com as possibilidades e paralisados por uma espécie de turbilhonamento. Os estudantes, ao mesmo tempo em que compartilham conhecimento nas redes sociais e usam a Internet como uma biblioteca infinita, descrevem as redes como espaço para distração; eles mesmos ainda legitimaram sua própria prática.

O professor distorce seu tempo de todas as maneiras possíveis, tentando estar em todos os lugares: precisa estar presente na sala, mas também não quer deixar de estar presente na Internet. Ainda não foi encontrado o equilíbrio para uma outra prática docente; é preciso inventar essa possibilidade. Entre tantas modificações, nos cabe ainda indagar: em meio à produção massiva, em nível mundial, de certos modos de ser estudante e professor, é possível pensar em produzir subjetividades singulares, que escapem às modelizações dominantes neste mundo hiperconectado? Talvez as redes, ao mesmo tempo em nos impõem determinados modos de ser,

também nos ofereçam brechas para que possamos nós próprios fabricar outros modos de ser: afinal de contas, é sempre possível atrever-se a singularizar.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. Social network sites: definition, history, and scholarship. In. *Journal of Computer-Mediated Communication*, n.13, v.1, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>. Acesso em: 20/06/2011

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____; GUATTARI, Félix. *Mil platôs capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a. vol. 1.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 10ªed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Ditos e escritos V - Ética, sexualidade, política*. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

_____. *História da sexualidade 2 - O uso dos prazeres*. São Paulo: Editora Graal, 2006b.

GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7ªed. rev. Petrópolis: Vozes, 2010.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In. *Revista Psicologia e Sociedade*, v. 19, p.15-22, 2007.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 5ªed. São Paulo: Loyola, 2007.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, A. (Org.) *Tramas da rede - Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p.17-38

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Howard. *La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras*. Gedisa Editorial. Colección Límites de La Ciência. Barcelona, 1994.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SANTAELLA, Lucia. Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço. IN: *Derivas: cartografias do ciberespaço*. Organizadora: Lucia Leão. Annablume Editora: São Paulo, 2004. p.45-5

SILVA, Tomaz Tadeu da. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da pedagogia crítica. In: *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.9-18

VIRILIO, Paul. *Cibermundo: a política do pior*. Lisboa: Teorema, 2000.